

Os Arredores da Palavra

XII — PEQUENO RECADO PARA JOSÉ CARDOSO PIRES

Nasci em 1951. Para quem como eu fazia o exame da terceira classe em Abril de 1960 numa escola das Caidas da Rainha o cadáver de um desconhecido encontrado na Praia do Mastro em 3-4-60 nada dizia.

Nem a mim nem ao proprio José Cardoso Pires que no Outono de 1961 recebeu, através de pessoa amiga, um relato reunido por um jovem que, em 22 páginas, descrevia de modo lúcido e frontal a tragédia.

A literatura é também uma moral. Porque actua no tempo e contra o tempo, porque o descreve e porque o castiga. A «Balada da Praia dos Cães» é, para além do exercício pleno de maturidade dum escritor indispensável na escritura literária portuguesa actual, um mergulho na realidade que o terror do fascismo foi criando.

Duplo valor como obra literária e como documento, o texto da «Balada da Praia dos Cães» percorre o espaço mental interior dos protagonistas duma tragédia que foi ao mesmo tempo pessoal e colectiva — íntima e pública.

A estrutura da sociedade desse tempo precisava dum exorcismo periódico para se justificar da sua monstruosa vocação terrorista. Não é por acaso que os homens que assaltaram o «Santa Maria» eram referidos como «bandoleiros» e «sequeazes de Henrique Galvão» — toda uma corte de «jornalistas» ajudou a ocultar o grande crime do fascismo por detrás de pequenos crimes avulsos.

O medo é sempre uma correspondência da solidão — talvez a última. O 25 de Abril foi feito também para que viver pudesse ser uma aventura de lucidez, esperança e fraternidade. Por isso mesmo o contrário da solidão — o reverso do medo.

Por detrás dos fatos enfiados apressadamente por democratas do 26 de Abril há o sonho de, mesmo com eleições e parlamento, fazer voltar o tempo para os quadros mentais da década de 60. A «democracia musculada», o «consenso nacional» e o «socialismo na gaveta» são formas tão cínicas como a «democracia orgânica» de Salazar.

Prestando um importante serviço a quem continua a descobrir Portugal em Portugal a «Balada da Praia dos Cães» é, pois, um livro indispensável.

Como romance vai mais longe que qualquer trabalho sociológico. Como documento vai até onde só um romance pode chegar: à memória fragmentada duma década e de um tempo atravessado por conflitos públicos e privados — ainda hoje alguns por resolver.

JOSÉ DO CARMO
FRANCISCO